

**14º. SEMINÁRIO PARA AS CEBs E O LAICATO**  
**ESCUTAR E AUSCULTAR A REALIDADE QUE NOS RODEIA**  
**ASSEMBLEIA ECLESIAL LATINO-AMERICANA**

Agenor Brighenti

- Estamos em pleno *processo de escuta* do Povo de Deus em vista da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe. Logo virá o Sínodo dos Bispos sobre a Sinodalidade da Igreja, e o processo deverá ser ainda mais profundo, pois por primeira vez se realizará de forma *descentralizada*, de baixo para cima. Uma verdadeira sinodalidade implica seu exercício segundo o princípio da *subsidiariedade*, condição para que um organismo eclesial seja uma instância de serviço e não de controle.

### 1. A implementação da sinodalidade

- A *sinodalidade* na vida e missão da Igreja foi resgatada pela reforma do Vaticano II, mas é ainda uma tarefa pendente. Entre outras mudanças: o Concílio concebeu a Igreja como uma “Igreja de Igrejas” Locais em comunhão; substituiu o binômio clero-leigos por comunidades-ministérios; superou clericalismo pela afirmação da radical igualdade em dignidade de todos os ministérios; recomendou o gerenciamento da vida da Igreja por assembleias e conselhos de pastoral; etc.

- Em resumo, a Igreja é essencialmente comunhão e participação e deveria sempre e cada vez mais se pautar pelo *sensus fidelium*. Mas, infelizmente não é este o testemunho que a Igreja dá ao mundo. A imagem muitas vezes é de uma instituição com uma hierarquia rígida e verticalizante, *autoritária*, com pouca voz e vez aos leigos e leigas, excludente das mulheres na tomada de decisões, uma instituição clericalista.

- O exercício efetivo da sinodalidade é uma tarefa difícil e complexa, pois toca *as relações de igualdade e autoridade*, implicando mudança nas estruturas da Igreja, em todos os níveis, a começar pela Cúria romana onde emperrou a reforma do Vaticano II, passando pelas conferências episcopais, dioceses e paróquias.

### 2. Momento da escuta do Povo sobre a realidade atual

- De forma sinodal, estamos em um *momento da escuta* do Povo de Deus sobre a realidade atual. A *eficácia da fé* está estreitamente relacionada com uma ação eclesial que seja resposta segundo o Evangelho ao real da realidade que nos rodeia. Para isso, a *Gaudium et Spes* fala da necessidade de ler “*os sinais dos tempos*”, de auscultar as interpelações do Espírito nos *acontecimentos* da história. *Medellín* frisa que todo compromisso pastoral brota de um *discernimento da realidade*. Dom Pedro Casaldáliga advertia que se *ignoramos a realidade não evangelizamos*.

- O *Documento para o Caminho* da Assembleia Eclesial, em sua primeira parte dedicada ao *Ver*, apresenta alguns aspectos da realidade que nos desafiam. Na *esfera sociocultural* nomeia – a pandemia; o modelo econômico-social com a exclusão crescente, a migração e a violência; o grito da terra, os povos indígenas e afrodescendentes; a globalização e a democratização da comunicação social; a educação e a fragmentação do conhecimento com a necessidade de uma visão integradora. Na *esfera eclesial* apresenta – o secularismo, o crescimento dos pentecostais, a pastoral urbana, a juventude, as mulheres, abuso sexual na Igreja, o clericalismo e uma Igreja em saída e sinodal.

### 3. A finalidade da Assembleia Eclesial: retomar Aparecida

- Em lugar de elaborar um novo documento, o Papa Francisco pediu que a Assembleia retomasse o *Documento de Aparecida*. Por que retomar *Aparecida*? Qual sua importância?

- O significado e a transcendência de *Aparecida* estão nela ter resgatado a *renovação do Concílio Vaticano II e da tradição eclesial libertadora da Igreja na América Latina*, em meio a um processo de involução eclesial de três décadas. Dado o contexto de então da V Conferência, o grande avanço de *Aparecida* foi ter evitado um retrocesso.

- As três décadas que precederam o atual pontificado foram marcadas por um gradativo distanciamento da renovação conciliar: na América Latina, *Puebla* já foi um freio a *Medellín* e, *Santo Domingo*, praticamente seu estancamento. *Aparecida* resgatou a renovação conciliar, mas a involução eclesial continua em muitos segmentos da Igreja, apesar do pontificado reformador de Francisco. Inclusive se não fosse a *Evangelii Gaudium*, que retoma o Documento de *Aparecida*, *Aparecida* já teria desaparecido.

- No fundo, nas três décadas de involução eclesial em relação à renovação do Vaticano II e da tradição libertadora da Igreja na América Latina, houve a tentativa de uma “*reforma da reforma*” do Vaticano II.

- Reconhece *Aparecida*: “... tem nos faltado coragem, persistência e docilidade à graça para levar adiante a renovação iniciada pelo Concílio Vaticano II e impulsionada pelas anteriores Conferências Gerais, para assegurar o rosto latino-americano e caribenho de nossa Igreja” (*DAP* 100h).
- Prova disso, diz o Documento, são “... algumas tentativas de voltar a uma eclesiologia e espiritualidade anteriores à renovação do Vaticano II” (*DAP* 100b), acompanhadas da volta do clericalismo.

- A própria proposta de *Medellín* e da *Evangelii Nuntiandi* da necessidade de uma *nova evangelização* para levar a diante a renovação do Vaticano II foi transformada em um projeto de Igreja da neocrisandade: a evangelização é entendida como sair para fora da Igreja para trazer de volta as pessoas para dentro dela: uma *missão centrípeta*, típica de uma *Igreja auto-referencial*, como denuncia o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*.

- Não basta uma Igreja missionária. Importante é que tipo de missão? Uma missão proselitista, de implantação da Igreja e não promotora do Reino? De reconquista da sociedade que se fez autônoma da tutela da Igreja?

#### 4. Razões da involução eclesial

- A razão da *crise no processo de recepção da renovação conciliar* deve-se, fundamentalmente, à *crise da modernidade* contra a qual a Igreja havia lutado durante cinco séculos e, finalmente, se reconciliou com ela no Concílio Vaticano II.

- A crise do *projeto civilizacional moderno* atinge a todos e tudo:

- São inegáveis as conquistas da modernidade, como ciência, técnica, democracia, direitos humanos e dos povos, liberdade de consciência, liberdade religiosa...
- Entretanto, por um lado, não foram conquistas para todos, pois estão à margem multidões de descartados, e, por outro, a modernidade se caracteriza pela *razão técnica-instrumental* e por um modelo de economia, que coisifica o ser humano e depreda a natureza...
- Está aí a crise da razão, das utopias, dos valores, das identidades individuais, das instituições, das religiões, da democracia representativa, a crise ecológica... “*tudo o que é sólido se desmancha no ar*” (J. Beaudrillard), mergulhando-nos em uma *sociedade líquida* (Baumann).

- Como nos adverte a sabedoria oriental, crise não é “fim-da-história” ou “beco-sem-saída”. Crise é encruzilhada, ocasião de novas oportunidades, mas à condição de não fugirmos dela. Crise é metamorfose, passagem, travessia, só que tanto para a morte como para um novo nascimento, dependendo de como a enfrentamos. Fugir dela, é presságio de um fim catastrófico; assumi-la, é prenúncio de um tempo pascal, de um novo começo.

- Não são poucos os que na crise reagem com *medo* (o medo exagera o perigo, cria monstros) e buscam segurança. Em meio à crise, segurança, só falsas seguranças, que são basicamente duas: o *fundamentalismo* (colocar a segurança na tradição de um determinado momento histórico) e o *emocionalismo* (refugiar-se na emoção e no sentimento, como faz o pentecostalismo).

- Fundamentalismo e emocionalismo, entretanto, são como que guarda-chuvas que se arma na tempestade, mas que se tornarão obsoletos quando a crise passar. Não há verdadeira segurança em tempos de crise. Como dizia K. Rahner – “a tessitura do risco como única garantia de futuro”.

## 5. A crise na Igreja e na pastoral

- A crise do projeto civilizacional moderno não atinge somente a sociedade. Também a *instituição eclesial e a pastoral* estão mergulhadas num tempo de crise. E nem poderia ser diferente, pois o mundo é constitutivo da Igreja. Não é o mundo que está na Igreja, mas é a Igreja que está no mundo. O Povo de Deus peregrina no seio de uma humanidade toda ela peregrinante.

### 5.1. O refluxo de modelos de pastoral pré-conciliares

- Na Igreja, o *medo de inserir-se no seio do mundo moderno* e de levar adiante a renovação do Vaticano II e da tradição eclesial libertadora, provocaram o *refluxo de dois modelos de pastoral pré-conciliares*.

- Um deles é o denominado por Medellín de *pastoral de conservação* (modelo da cristandade medieval), centralizado no padre e na paróquia: massiva, sem vínculos comunitários, sacramentalizadora, com uma marca predominantemente devocionista e, portanto, providencialista e milagreira (procissões, romarias, novenas, milagres e promessas, práticas típicas do catolicismo popular medieval).
- O outro modelo pré-conciliar, que voltou com força e muito dinheiro, é a *pastoral coletiva* (modelo de Igreja da neocristandade), composto por movimentos ou associações guardiões da ortodoxia, da moral católica, da dita “sagrada tradição”. Em uma atitude hostil frente ao mundo, *apologética*, cria seu próprio mundo, uma espécie de “subcultura eclesiástica”, no seio da qual veste-se diferente e se combate os diferentes, em típica mentalidade de seita ou gueto. A missa tridentina e os antigos paramentos litúrgicos alimentam seu imaginário, no resgate da pré-modernidade perdida.

### 5.2. O surgimento de uma pastoral secularista

- Além destes dois modelos que fazem do passado um refugio, há um outro modelo que coloca a segurança no *emocionalismo*. É um modelo de pastoral que poderíamos denominar de *pastoral de secularista*, restrita ao presente, ao aqui e agora, uma “religião do corpo” em que salvação é sinônimo de *prosperidade material, saúde física e realização afetiva*. A religião passa a ser consumista e centrada no indivíduo, pois propõe-se

responder às necessidades imediatas das pessoas, em sua grande maioria integrada por pessoas machucadas, desesperançadas, frustradas, depressivas, sofredoras, em busca de auto-ajuda e habitadas por um sentimento de impotência diante dos inúmeros obstáculos a vencer. É a religião a *la carte*: Deus como objeto de desejos pessoais, solo fértil para os mercadores da boa-fé, no seio do atual próspero e rentável mercado do religioso.

### 5.3. Onde está a Igreja do Vaticano II e da tradição latino-americana?

- E onde estão os que acolheram a renovação do Vaticano II e o levaram à prática segundo o modo como a Igreja na América Latina o recebeu em Medellín e Puebla?

- Estão aí, já foram maioria, mas hoje são muito menos. Em muitos lugares, são brasas sob cinzas. Ultimamente, entretanto, com a arejada de *Aparecida* e do pontificado do Papa Francisco ao resgatarem o Vaticano II e a tradição eclesial libertadora, as chamas voltaram a arder, ainda que tímidas em meio a tantas adversidades.
- Constituem uma Igreja *perplexa*, pois sentem que, por um lado, as intuições básicas e eixos fundamentais do Vaticano II e da tradição libertadora continuam válidos, mas, por outro, o contexto mudou e se deparam com novos desafios e a irrupção de novos valores.
- Como conjugar, entre outros - *comunidade e autonomia* (há uma crise de compromisso comunitário também por conta de comunitarismos); *militância e gratuidade* (o outro como imperativo ético, mas também como alteridade gratuita); *utopia e vida presente* (a insustentabilidade de uma utopia concebida como dilatação indeterminada do futuro); *objetividade e subjetividade* (a veracidade de diferentes versões do mesmo); *global e local* (a importância do local para que o global não seja a volatilização do real da realidade); *autoridade e consenso* (a verdade como consenso das diferenças no ato comunicativo); etc.

- Diante deste quadro, que perspectiva para a Igreja da renovação conciliar e da tradição eclesial latino-americana?

- Houve uma “primeira recepção” do Vaticano II no contexto da modernidade, mas hoje apresenta-se o grande desafio de uma “segunda recepção” do Concílio no novo contexto, que em muitos aspectos precisa ser de *ruptura* com a modernidade, mas sem voltar à pré-modernidade.

- O mesmo vale para a “recepção criativa” do Vaticano II feita por *Medellín*. Sem renunciar opção pelos pobres, evangelização integral e libertadora, profetismo... é preciso ir além, buscando dar resposta pastorais às novas perguntas, bem como novas mediações para aterrissar os mesmos ideais no novo contexto.

## 6. Perspectivas sócio-eclesiais: questionamentos

- Como sairemos da crise da pandemia: aprenderemos com tanto sofrimento e luto? Sairemos mais solidários e respeitosos da vida pessoal e dos outros? Que economia e que Estado serão necessários, para superar tanta pobreza e exclusão?
- Quais serão os frutos da Assembleia Eclesial? Vai-se tomar mais a sério a renovação do Vaticano II, que *Aparecida* e o magistério do Papa Francisco resgatam? Teremos mais espaço para o laicato e mais valorização das CEBs?
- Mudará a Igreja com o Sínodo sobre a Sinodalidade da Igreja? Como será a Cúria romana após a reforma? Como serão as conferências episcopais, mais eclesiais? E as Dioceses, mais encarnadas em seu contexto e no exercício efetivo do *sensus fidelium*? E as paróquias, reconfiguradas em comunidade de pequenas comunidades a exemplo das CEBs?